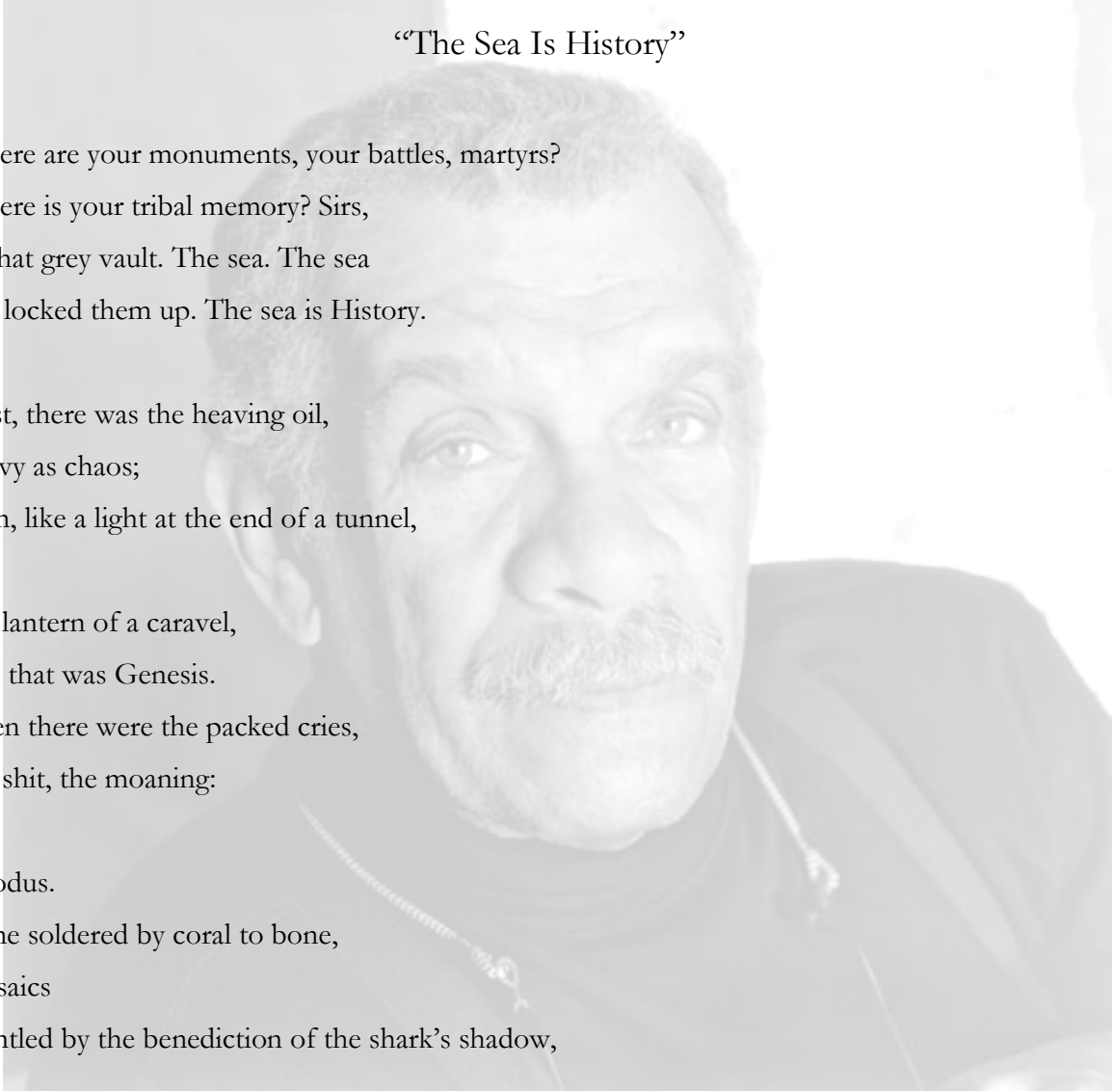


Revista Eutomia - Ano III - Volume 2 - Dezembro/2010

Derek Walcott¹

Tradução do Prof. Dr. Antony Cardoso Bezerra² (UFRPE-UFPE)

“The Sea Is History”



Where are your monuments, your battles, martyrs?
Where is your tribal memory? Sirs,
in that grey vault. The sea. The sea
has locked them up. The sea is History.

First, there was the heaving oil,
heavy as chaos;
then, like a light at the end of a tunnel,

the lantern of a caravel,
and that was Genesis.
Then there were the packed cries,
the shit, the moaning:

Exodus.
Bone soldered by coral to bone,
mosaics
mantled by the benediction of the shark's shadow,

that was the Ark of the Covenant.
Then came from the plucked wires
of sunlight on the sea floor

the plangent harps of the Babylonian bondage,
as the white cowries clustered like manacles
on the drowned women,

and those were the ivory bracelets
of the Song of Solomon,
but the ocean kept turning blank pages

looking for History.

Then came the men with eyes heavy as anchors
who sank without tombs,

brigands who barbecued cattle,
leaving their charred ribs like palm leaves on the shore,
then the foaming, rabid maw

of the tidal wave swallowing Port Royal,
and that was Jonah,
but where is your Renaissance?

Sir, it is locked in them sea-sands
out there past the reef's moiling shelf,
where the men-o'-war floated down;

strop on these goggles, I'll guide you there myself.
It's all subtle and submarine,
through colonnades of coral,

past the gothic windows of sea-fans
to where the crusty grouper, onyx-eyed,
blinks, weighted by its jewels, like a bald queen;

and these groined caves with barnacles
pitted like stone
are our cathedrals,

and the furnace before the hurricanes:

Gomorrah. Bones ground by windmills
into marl and cornmeal,

and that was Lamentations –
that was just Lamentations,
it was not History;

then came, like scum on the river's drying lip,
the brown reeds of villages
mantling and congealing into towns,

and at evening, the midges' choirs,
and above them, the spires
lancing the side of God

as His son set, and that was the New Testament.

Then came the white sisters clapping
to the waves' progress,
and that was Emancipation –

jubilation, O jubilation –
vanishing swiftly
as the sea's lace dries in the sun,

but that was not History,
that was only faith,
and then each rock broke into its own nation;

then came the synod of flies,
then came the secretarial heron,
then came the bullfrog bellowing for a vote,

fireflies with bright ideas

and bats like jetting ambassadors
and the mantis, like khaki police,

and the furred caterpillars of judges
examining each case closely,
and then in the dark ears of ferns

and in the salt chuckle of rocks
with their sea pools, there was the sound
like a rumour without any echo

of History, really beginning.

“O Mar É História”

Onde estão os seus monumentos, suas batalhas e mártires?
Onde está a memória da sua tribo? Estão,
Senhores, naquela catacumba de tons cinzas, o mar. O mar
Tem tudo trancado dentro de si. O mar é História.

No início, havia petróleo a esguichar
pesado como o caos;
então, tal qual uma luz no fim do túnel,

O farol de uma caravela,
e foi a Gênese.
Então houve os lamentos abafados:
os expurgos, os queixumes.

Êxodo
Osso unido a osso pelo coral,
mosaicos,
cobertos pela bênção das sombras de tubarões.

foi a Arca da Aliança.

Então vieram, dos fios esgarçados
da luz do sol no solo marinho,

as harpas lamentosas do cativeiro babilônico,
quando os cauris brancos se uniram tais quais algemas
sobre as mulheres afogadas

eram, aqueles, os braceletes de marfim
dos Cânticos de Salomão,
o oceano, no entanto, continuou a passar páginas em branco

em busca da História.
Então vieram os homens de olhos pesados como âncoras
que submergiram sem direito a sepultura.

salteadores que assaram carne
deixando, tais quais folhas de palmeira, costelas tostadas pela costa.
então a mandíbula espumosa e enraivecida,

da onda que tragava Port Royal,
Foi Jonas
Mas foi a sua Renascença?

Senhor, é nas areias do mar que está trancada
lá bem longe, além da confusão de recifes,
por onde os homens da guerra deslizaram;

fiando-me nestes óculos de mergulho, serei meu próprio guia.
Tudo é sutil e submarino,
entre colunas de coral,

para além das janelas góticas das hélices marinhas

onde a garoupa de crosta ríspida, com olhos de ônix,
pisca, com o peso de suas jóias, como se fosse uma rainha careca;

e essas grutas ogivais com percevejos
ajustados como são as
pedras em nossas catedrais,

e a caldeira antes dos furacões:
Gomorra. Ossos triturados por moinhos de vento
transformados em calcário e em fubá,

e foram lamentos –
foram só lamentos,
não foi História;

então vieram, como a espuma que se acumula nas margens do rio
as telhas vermelhas das vilas
cobrindo e consolidando-se como cidades,

e, à noite, os coros de mosquitos
e, sobre eles, lanceando
O lado de Deus, espirais

quando do firmamento de Seu filho, teve-se o Novo testamento.

Então vieram as irmãs brancas batendo palmas
para o progresso das ondas,
teve-se a Emancipação –

júbilo, Oh, júbilo –
Desaparecendo rapidamente
Como secam, as rendas marinhas, ao sol,

mas não foi História,

foi apenas fé,
e então cada rocha tornou-se uma nação particular;

então veio a assembléia de moscas,
então veio a garça secretarial,
então veio o sapo-boi coaxando por um voto,

pirilampos com idéias brilhantes
E morcegos como um jato de emissários
E os louva-a-deus, como um exército pardo,

e as lagartas peludas, juízes que
examinam cada caso com precisão,
e então nas folhas negras da samambaia

e no marulho salgado das rochas
com as suas piscinas marinhas, havia o som
de um rumor sem a emissão de eco

da História, que, de fato, começava.

Referências

WALCOTT, Derek. **The Star-Apple Kingdom**. New York: Farrar, Straus and Giroux. p. 25-28:
The Ssea is History.

¹ **Derek WALCOTT** (n. 1930), poeta santa-lucense, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1992.

² **Antony Cardoso BEZERRA, Doutor em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco.**
Professor Adjunto de Literatura Portuguesa, Licenciatura em Letras, Departamento de Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).
Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Líder do Grupo de Investigações em Filologia Ibérica.
Pesquisador do Núcleo de Teoria e Crítica.